

7 MUSEUS

Pedro Eiras¹

MUSEU DE RUÍNAS

Era meio-dia, todas as ruas subiam, cheguei sem fôlego ao museu no alto do morro. A sombra da fachada foi um bálsamo breve. Abri a porta pesada e entrei. Dentro, o mesmo sol destapado, cegante, sobre escombros. Vigas, caixilhos, traves, blocos de tijolos e cimento mastigados, pedras, terra remexida.

O museu ia ser refeito de raiz, só a fachada fora conservada, através de uma estrutura de metal, aranha de ferro contra o céu.

Olhei melhor e só então percebi: o museu era mesmo este – cacos, ferrugem, pedacinhos de ossos.

PRESERVAÇÃO

Logo depois do enterro, o sobrinho da pintora pensou que era preciso preservar a casa tal como era, e abri-la ao público, aos visitantes.

Conhecia bem aquela casa. Tinha sido ele, só ele, a socorrer a tia nos últimos meses. Assistira às últimas pinturas, sabia de cor a luz pela qual ela esperava tantas semanas, o ângulo em que instalou o cavalete.

Por isso, não deixou que ninguém – nem a solícita e saudosa criada – entrasse no quarto, arrumasse as telas, os tubos de tinta. Deixou a roupa desalinhada, e os livros tombados.

Ao fim de alguns dias, as flores tinham murchado e enchiam o quarto de um perfume tóxico. O sobrinho olhou com reprovação aqueles rebentos da natureza que se recusavam a ficar intactos.

A luz do sol também não era a mesma: as semanas tinham passado, a noite vinha mais cedo. O sobrinho fechou as portadas, sempre era um mal menor. Além disso, o sol crestava as tábuas do chão, mais curvas.

O próprio pó, de cada vez que o sobrinho entrava na casa, se agitava, mudava de sítio. O que limpar? O que não limpar?

Foi assim que o sobrinho acabou por fechar toda a casa-museu, que nunca abriu ao público.

A FALTA

Era o melhor restaurador de peças antigas. O museu, ao longo de quarenta anos, confiou-lhe as telas mais frágeis e mais preciosas. A tudo ele devolvia vida: mãos que se desfaziam na sombra, capacetes baços na batalha, o reflexo das janelas nas pupilas das crianças burguesas.

As suas mãos estavam escuras e manchadas. Mas não tremiam quando pegavam nas esponjas e nos pincéis. Fazia milagres.

Por isso o museu decidiu fechar os olhos, quando o velho restaurador não devolveu um pequeno medalhão que tinha uma senhora pintada. O restaurador atrasou a entrega, confundiu os prazos, finalmente confessou que não conseguia encontrar o medalhão na oficina. O museu não deixou de lhe confiar trabalhos de restauro delicado. Um objecto perdido em quarenta anos de trabalho não era uma calamidade, e aquele medalhão nem sequer tinha grande valor.

Assim, o restaurador nunca teve de devolver ao museu o medalhão da senhora burguesa, que lhe fazia tanto lembrar a sua própria mulher, falecida três anos antes.

O MUSEU DAS CARAS QUE OLHAM

Como todas as manhãs, ela começa por ser uma sombra na escuridão, só se ouve o raspar afoito das jeans e os sapatos a calcorrearem os corredores de madeira até ao salão. Depois, ela entreabre as portadas das janelas, só um pouco, e as tiras de luz deslizam pela tapeçaria.

Nós olhamos, do alto das nossas molduras. À minha direita, o senhor Morgado de Sousa Coutinho, Conde de Ribeira Maior, que deu 1.000 contos para a construção do museu; à minha esquerda, o senhor Luiz Mendonça Vaz de Azevedo, Barão de Olivais, que deu 1.200. Eu sou Filipe Thomaz Manuel de Jesus Santos e Rezende, Visconde de Lima, e dei 1.500 contos.

Quando a ouvimos a entrar lá em baixo, na rua, calamo-nos todos, eu e os outros benfeitores. Mais logo, ela terá de vestir o uniforme do museu; agora, traz uma t-shirt branca que diz Love a vermelho. Calamo-nos e vemos.

Ela vai até à outra porta, que dá para as traseiras. Abre. Ele entra. Regressam ao salão e tiram as calças, as t-shirts, as cuecas. Deitam-se os dois no chão, na mancha do sol.

Felizmente neste salão não penduraram nenhum retrato de senhora.

DESEJO

Quando finalmente se encontraram a sós, nus, inteiros, e eram deles as noites e os dias, eles desejaram, no fundo dos peitos que eram agora o mesmo lugar, ficar assim, abraçados, para sempre.

Nesse instante, as primeiras nuvens de cinza do Vesúvio começaram a cair sobre a cidade.

MORADA DO ANDRÓGINO

Depois de vermos a roda, e as unhas dos mártires, subimos a um pequeno quarto quase vazio, onde a freira nos mostrou um quadro. Era um Cristo na cruz. Mas a freira mandou-nos ver de perto aquele corpo desnudo, com as ancas largas e o peito quase carregado – explicou a sorrir que as freiras pintoras, em estrita clausura naquele século distante, não sabiam como era o corpo do homem, e imaginavam-no à imagem do corpo delas.

A loja do convento não tinha o postal daquele Cristo, só da última ceia e da Virgem a calcar os cornos do diabo. Comprámos um postal de São Paulo a cair do cavalo.

Anoitecia cedo, a névoa escalava as encostas. Comemos umas sandes, bebemos finos gelados. Ao atravessar a cidade já escura, víamos os travestis, as suas chagas de bâton barato.

PINTAR O CÉU

Ele tinha-se esquecido de morrer.

Pintava caixotões em tectos de igrejas perdidas nos montes.

Ninguém diria, ao avistar aquelas capelas quase confundidas com a rocha, que nos seus tectos os anjos sopravam trombetas e Santa Cecília os dirigia, do órgão. Que os exércitos do faraó eternamente se afogavam, cheios de blasfêmias nas bocas. Ou que Cristo, mãos unidas, cabeça baixa, se deixava baptizar por quem era indigno de lhe soprar o pó dos pés.

Os padres envelheciam e morriam, o pintor não reparava. Para ele, que valiam padres velhos e moribundos? Só existiam arcanjos, santos, as bestas do Apocalipse. Esses eram eternos, não as estações do ano, as chuvas, as vindimas. Que interessava a idade que tinha? A idade é números, números são nada. Pelas nossas contas, teria trezentos, quatrocentos anos? Que importa...

Quando finalmente a estrada de alcatrão atingiu o povoado, e houve a inauguração oficial, ele continuava a pintar o martírio de um santo. Mas quando uma motorizada passou a zumbir, o pintor sussurrou:

– Ah.

Percebeu que já devia ter morrido muito tempo antes. E, cheio de vergonha, morreu.

.....
NOTA

¹ Pedro Eiras nasceu no Porto em 1975 e tem se dedicado à literatura como escritor, professor e investigador. Desde 2001, publicou diversas obras de ficção (*Estiletas*, *Os Três Desejos de Octávio C.*, *A Cura*), teatro (*Antes dos Lagartos*, *Um Forte Cheiro a Maçã*, *Uma Carta a Cassandra*, *Um Punhado de Terra*, *Bela Dona*), ensaio (*Esquecer Fausto*, *A Lenta Volúpia de Cair*, *Tentações*, *Um Certo Pudor Tardio*), crónica (*Boomerang*, *Substâncias Perigosas*) e outros textos mais difíceis de classificar. Publicou ainda vários livros no Brasil, em França e na Roménia. As suas peças de teatro foram encenadas e lidas em dez países. No âmbito académico, Pedro Eiras é Professor Auxiliar (Doutorado) da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde integra o Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa. Em exclusividade à *ContraCorrente: Revista da Estudos Literários da Universidade do Estado do Amazonas*, o escritor brinda os leitores deste volume com a série de breves ficções intitulada “7 museus”.